



Alexandra Manes*

Tocar na ferida, dói

Conta a minha mãe que aprendi a ler cedo. Há mais de 40 anos, numa altura em que os perigos não espreitavam, na ilha das Flores, nas horas da sesta, a mãe aproveitava para ir às compras deixando-me, junto à cama, um bilhete: “A mãe foi à loja”.

Era esta frase que me transmitia calma e serenidade até o seu regresso e que me permitiu juntar as primeiras letras, de forma a perceber que se tinha ausentado para um local que eu conhecia (loja) e que voltaria dentro de pouco tempo.

Na verdade, tive a sorte de viver no seio de uma família que tinha o hábito da leitura. Os meus pais, os meus primos, os meus tios e, mais tarde, a minha amiga de infância – Zaida –, devoravam livros, que nos permitia conhecer, e viver histórias, para além da ilha que nos encerrava em invernos longos e difíceis, sem luz e, muitas vezes, sem sinal na televisão.

Vem isto a propósito do mais recente livro de Joel Neto – Jénifer, ou a princesa de França. As ilhas (realmente) desconhecidas –, que tanta celeuma levantou.

Adquiri-o diretamente através da Fundação Francisco Manuel dos Santos aquando da sua publicação. Li-o duas vezes, em tempos espaçados.

A primeira vez que o li, não consegui interromper a leitura, tal foi a inquietação que me envolveu. Constando a controvérsia que o livro originou, li-o uma segunda vez na tentativa de perceber se algo me teria escapado. E, não. Não me tinha escapado nada.

O autor transformou números e valores percentuais (muito importantes para a sua devida análise e definição de políticas) referentes à nossa região, em letras, numa narrativa que permite sairmos das tabelas para as suas consequências.

Ver tabelas com percentagens relativas à pobreza, ao abandono precoce escolar, à gravidez precoce, a comportamentos aditivos, nunca é o mesmo que assistir às suas consequências reais na vida das pessoas. E, talvez, seja mesmo por isso que o livro levantou tanta polémica. Para quem não quer, independentemente da razão, interpretar tabelas, tem a oportunidade de constatar o que se vive a portas meias com a urbe, totalmente adaptada à nova monocultura (turismo), que mantém os pobres

e os vulneráveis no seu lugar. No exato mesmo lugar de sempre: habitações que dão teto até 3 gerações de pessoas pobres, marginalizadas pela sociedade.

Querem permanecer assim? Basta ler a Jénifer (ou a Princesa da França) para perceber que não. Os sonhos também proliferam naquelas crianças e adolescentes, aquelas que assistem à violência física e verbal dos seus pais, que curam as suas feridas com água e sabão, que vão trabalhar para ajudar a mãe, que engravidam cedo e desconhecem o significado de consulta de planeamento familiar e, que mais tarde, percebem que os seus sonhos foram castrados quando se vêem, na idade adulta, a reproduzir a infância sofrida.

Não é de agora a pobreza. Ainda me recordo das bolsas de pobreza de Mota Amaral. Nem digo que nada foi feito para a travar.

No entanto, acabar com a pobreza não deve ser um mero desiderato retórico. E o paradoxo disto tudo, é sermos uma região marcada pela pobreza e pelas desigualdades sociais e aplicar políticas que promovem a exclusão das pessoas mais vulneráveis.

Como se muda isto? Libertando-nos de amarras, colocando a região acima de interesses diplomáticos, deixando de ser meras plataformas que permitem que todos os resultados científicos não nos pertençam, colocando as nossas infraestruturas ao uso da transformação sócio económica, criando postos de trabalho bem pagos, redistribuindo a riqueza que só tem espaço na conta de meia dúzia de pessoas, e, acima de tudo, acreditando na potencialidade dos nossos jovens, permitindo a sua capacitação para que perspetivem um futuro, no qual possam voltar à região.

Não podemos falar em meritocracia quando temos uma taxa de desigualdades sociais tão elevada, pois as oportunidades não são iguais! Variáveis como habitação, saúde e hábitos influenciam fortemente o percurso académico... basta relembrar a Jénifer, ou a princesa de França, que não teve culpa do seu ambiente familiar.

*Deputada BE/Açores



Gregório José *

Covid-19 tem nova variante em todo o mundo

A cada novo período, uma nova variante da Covid-19 surge e novas preocupações e suspense começam no ar: “vamos ficar em casa”?

Até ao momento, a OMS identificou sete variantes de preocupação para o vírus: Alfa, Beta, Gama; Delta, Mu; omicron e Lambda (menos agressivo).

O problema maior é que quase ninguém se preocupa em tocar as mãos, cumprimentar, espirrar por perto e usar álcool em gel, nem mesmo pensar. Esse isolamento total em casa não existe, o home office não existe mais e a distância nas filas não existe mais. As pessoas estão coladas umas às outras, e as máscaras tradicionais desapareceram.

Mas, voltando às variantes, há duas de interesse e sete cepas sob vigilância de acordo com estudos e monitoramento feitos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta semana surgiu uma nova variante de interesse da Covid-19: a chamada EG.5., que estava a ser monitorizada.

De acordo com as pesquisas, um total de 7.000 sequências foram compartilhadas por 51 países. A maior circulação ocorre em países como Estados Unidos, China, Coreia do Sul, Japão e Canadá.

Esse é um risco iminente para uma variante ainda mais perigosa, de acordo com as autoridades dos EUA, relatando que os pacientes com a variante representam o maior número de casos totais de COVID-19 neste momento.

Será que realmente aprendemos a conviver com a doença? Será que os nossos

hospitais e profissionais de saúde que responderam brilhantemente a emergências no auge da crise na saúde e têm uma mente clara para o papel que terão de desempenhar se surgir um novo surto? Afinal, ainda existe o risco de surgir uma variante ainda mais perigosa, que pode causar um aumento repentino de casos e mortes.

Outro problema que ocorre no mundo e é comum ao ser humano é esquecer o dever a ser cumprido, seja aqui no Brasil ou em um país bem desenvolvido, o natural relaxamento das notificações de casos. “Ah! É só mais um.”

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, poucos países estão repassando os dados como faziam anteriormente. Isso indica que municípios e estados também deixaram de fazê-lo, e quem recebe os dados e faz a estratificação também. Em julho, apenas 25% dos países relataram mortes e apenas 11% das hospitalizações e internações em unidades de terapia intensiva.

E tu? Faça a sua parte? Você higieniza, troca de roupa quando chega em casa, usa máscara ou esteriliza as mãos ao tocar maçanetas, mesas e objetos de outras pessoas?

*Jornalista | Radialista | Filósofo; Pós Graduado em Gestão Escolar; Pós Graduado em Ciências Políticas; Pós Graduado em Mediação e Conciliação; MBA em Gestão Pública